



OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DAS SECAS NA CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS POPULARES: ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DA ZEIS PIRAMBU - FORTALEZA-CE

EIXO TEMÁTICO: REGIMES DE VERACIDADE E HISTORICIDADE

BARROS, Analina

Arquiteta e Urbanista, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (PPGAU-UFRN)
analina-moraes@hotmail.com

BENTES SOBRINHA, Maria Dulce P.

Arquiteta e Urbanista, Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
(PPGAU-UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais. (PPEUR-
UFRN).
dulce.bentes@ufrn.br

RESUMO

Este artigo aborda o tema da seca no Ceará e a constituição dos territórios populares na cidade de Fortaleza-CE. Especificamente, visa discutir a influência dos movimentos migratórios oriundos da seca no processo de formação da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Pirambu, considerando o período do final do século XIX até os dias atuais. Além de revisão de literatura sobre o tema, desenvolve-se análise sobre a formação a referida ZEIS, com referências à dados documentais e imagens arquivadas pelo Centro Popular de Documentação e Comunicação do Pirambu (CPDOC) que reúne um rico acervo como fonte de pesquisa de história e museologia social e urbana nesta região periférica de Fortaleza. Como conclusão, destacam-se as reflexões sobre processos de segregação relacionados aos movimentos migratórios na constituição do espaço urbano. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

PALAVRAS-CHAVE: migração; seca; territórios populares; ZEIS Pirambu; Fortaleza-CE.

ABSTRACT

This article addresses the issue of drought in Ceará and the constitution of popular territories in the city of Fortaleza-CE. Specifically, it aims to discuss the influence of migratory movements arising from the drought in the process of formation of the Special Zone of Social Interest (ZEIS) Pirambu, considering the period from the end of the 19th century to the present day. In addition to a literature review on the topic, an analysis of the formation of the aforementioned ZEIS is developed, with references to documentary data and images archived by the Centro Popular de Documentação e Comunicação do Pirambu (CPDOC), which brings together a rich collection as a source of research. social and urban history and museology in this peripheral region of Fortaleza. In conclusion, reflections on segregation processes related to migratory movements in the constitution of urban space stand out. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

KEY-WORDS: *migration; dry; popular territories; ZEIS Pirambu; Fortaleza-CE.*

RESUMEN

Este artículo aborda la cuestión de la sequía en Ceará y la constitución de territorios populares en la ciudad de Fortaleza-CE. Específicamente, se pretende discutir la influencia de los movimientos migratorios derivados de la sequía en el proceso de formación de la Zona Especial de Interés Social (ZEIS) Pirambu, considerando el período comprendido desde finales del siglo XIX hasta la actualidad. Además de una revisión de la literatura sobre el tema, se desarrolla un análisis de la formación de las ZEIS mencionadas, con referencias a datos documentales e imágenes archivadas por el Centro Popular de Documentação e Comunicação do Pirambu (CPDOC), que reúne una rica colección. como fuente de investigación sobre historia y museología social y urbana en esta región periférica de Fortaleza. En conclusión, se destacan reflexiones sobre los procesos de segregación relacionados con los movimientos migratorios en la constitución del espacio urbano.

PALABRAS CLAVE: *migración; seco; territorios populares; ZEIS Pirambu; Fortaleza-CE.*

INTRODUÇÃO

A seca foi uma condicionante fundamental na formação territorial e política do Ceará. Localizado no nordeste brasileiro, esse estado inscreve em sua formação territorial períodos marcantes de secas. Uma delas foi no final do século XIX, a de 1877, que marcou o processo de migração para a capital cearense impulsionada por diversos fatores, notadamente a falta de assistência às famílias que viviam no sertão e que buscavam melhores condições de vida.

Dessa forma, Albuquerque Júnior (1994) relaciona o “discurso da seca” com a forma como eram tratados os retirantes da seca, pela elite nordestina. Para o autor, esse período é marcante, uma vez que os territórios estavam em processo de formação. Ainda nomeado de Norte, o Nordeste passava por uma grande crise econômica em decorrência da queda do preço do açúcar e do algodão. Por isso que o fenômeno climático denominado de “seca” gerou incertezas na recuperação econômica na época, ocasionando a migração em massa para o litoral.

A migração para a capital cearense já era uma realidade e viria ser mais intensificada nos anos seguintes. Os efeitos da seca já eram evidenciados nos relatórios oficiais em meados de 1877 e a ausência de chuvas ocorria justamente no período em que a província costumava ter os registros pluviométricos mais elevados. O tom exacerbado presente nos relatórios do presidente da província revela o jogo político que se abria nas disputas nacionais entre Norte e Sul. (Maia, 2021, p.237).

Souza (2015) analisa que em 1900 o sertanejo se tornou indesejado quando se trata da migração na época. Em 1915 criaram-se os chamados “Currais do Governo” local onde os retirantes eram obrigados a permanecer em pontos estratégicos, às margens das linhas férreas para impedir facilmente que os retirantes chegassem à capital. Posteriormente na seca de 1932 o governo expandiu essa prática para os chamados “Campos de Concentração”. Onde, posteriormente se formariam os territórios populares consolidados em Fortaleza, trazendo consigo muitos problemas sociais e urbanos para a cidade.

A fome surgia durante as secas, no Ceará esse cenário era de crise alimentar nestes espaços desprovidos da atenção do poder público. Secreto (2020) discute a migração por influência de Senador Pompeu, cidade que instalou um dos primeiros “Campos de Concentração” dos retirantes da seca no Ceará.

Essa iniciativa foi marcada pela não assistência aos migrantes da seca e propunha que a assistência deveria ser oferecida em forma de ‘remuneração’ ou salário por um trabalho realizado”. A remuneração era feita por “alimentação”, como dizia Josué de Castro¹ que se

¹ CASTRO, Josué de. Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço). 10a Ed. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

admitia a ocorrência da fome apenas em certos períodos, e em áreas atingidas por problemas climáticos – como as secas periódicas do Nordeste.

A situação em Senador Pompeu no começo do século XX é retratada no longa *Currais*², de Sabina Colares e David Aguiar, que mistura documentário com ficção para contar, por meio de seis personagens, as histórias dos *Campos de Concentração* no Ceará. A narrativa se desenvolve destacando as histórias do período e a falta de “socorros” como eram chamadas as assistências aos retirantes da seca. Outras localidades do estado também foram pontos dos currais na seca de 1915 que impediam a chegada de migrantes à capital.

Apesar dos esforços governamentais para impedir o processo migratório campo-cidade, os territórios populares já se formavam nas áreas periféricas de Fortaleza no início do século XX, distantes do centro da cidade, onde se concentrava a elite alencarina nesse período.

De acordo com Almeida (2023) “em Fortaleza, foram implementados dois campos: o primeiro, de curta duração, localizado nas proximidades do Matadouro Modelo e do Açude do Tauape; já o segundo era conhecido como campo do Urubu e situava-se à beira-mar, entre o Pirambu e a área portuária”.

Considerando o exposto, verifica-se que os movimentos migratórios provocados pelas secas tiveram influências sobre a formação da cidade de Fortaleza, mais precisamente sobre os seus territórios periféricos. No presente artigo, discute-se a influência desse processo na formação do território hoje instituído como Zona de Interesse Social - ZEIS Pirambu, situado na orla marítima oeste da cidade.

INFLUÊNCIAS DA MIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DA CAPITAL CEARENSE

A capital cearense no início do século XX crescia com a chegada de muitos migrantes. Rios (2014) argumenta que os flagelados caminhavam longos trechos a pé, em busca de uma cidade com estação de trem para encontrar o caminho da capital. Nas estações ferroviárias chamadas de caminhos de ferro saíam grandes levas de retirantes. O ano de 1915, considerado como a pior seca do Ceará, foi retratado no livro da escritora cearense Rachel de Queiroz, *O quinze, com referências ao primeiro Campo de Concentração*, antigo bairro Alagadiço Novo, evidenciando como viviam os sertanejos amontoados em busca de uma vida melhor em Fortaleza.

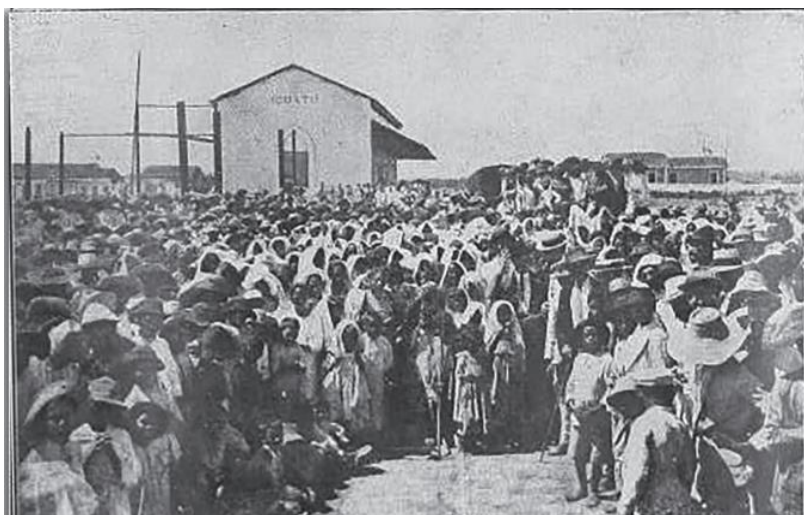
² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XIJi9n9wc-Y>. Acesso em 28/06/2024.

Os Campos de Concentração foram destacados por Neves (1995), como obras públicas de controle da população. Mantendo o olhar atento para os migrantes, as autoridades buscavam evitar revoltas e reduzir os crimes. Apesar da assistência, em Fortaleza esses locais careciam de serviços básicos de higiene. A falta de saneamento e a distribuição insuficiente de rações alimentares, além da proliferação de doenças agravadas pelas altas taxas de aglomeração, resultaram nas condições precárias deste espaço, e com isso, no aumento do número de mortos (Neves, 1995, p.97).

No ano de 1932, o Ceará contava com duas Estradas de Ferro: Estrada de Ferro de Baturité e Estrada de Ferro de Sobral que cortavam o estado levando os migrantes para Fortaleza. No percurso desses trilhos é possível perceber de onde vinha a onda de migrantes, alguns com Campos de Concentração (Figura 1) como é retratado por Rios (2014):

A Estrada de Ferro de Baturité cortava o Estado do Ceará de norte a sul. Partindo de Fortaleza, sua principal via atingia as maiores cidades do Sertão Central, chegando até o Vale do Cariri, onde se localizam os Municípios de Juazeiro do Norte e Crato. Passou por Quixeramobim e em seguida por Senador Pompeu, alcançando o Município do Crato. Nesses três municípios foram erguidos Campos de Concentração. (Rios, 2014, p.19).

Figura 1: Campos de Concentração no Ceará, meados do início do século XX.



Fonte: RIOS, Kênia. (2014).

Começaram a criar-se campos de concentração na capital, ali, os sujeitos ficariam encurralados, tornando o lugar conhecido, posteriormente, como “curral do governo” (Neves, 1995). Segundo Neves (2005) para receber os sujeitos que se deslocavam e mudaram radicalmente a relação habituada entre a população que vivia na Capital e a cidade. Teófilo³

³ Descrições de Rodolfo Teófilo, Farmacêutico, o autor foi um historiador das secas e pioneiro no sanitarismo em: TEÓFILO, Rodolfo. A Seca de 1915. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

(1980), portanto, narrava: “A emigração fazia-se incessantemente [...] Enfim, até as aves arribaram. Essa dinâmica mudava a cidade e os costumes, sendo seus efeitos percebidos nos anos seguintes. Com isso, os sertanejos chegavam à cidade e se instalavam nos lugares possíveis. A paisagem da cidade começava a mudar com as pessoas desalojadas próximas ao mar (Figura 2), vivendo em condições de pobreza e construindo suas próprias moradias nas áreas periféricas de Fortaleza.

Em 1932, os trens despejavam os flagelados na parte da cidade que ficava mais próxima do mar, onde localizavam-se as últimas estações férreas de Fortaleza. Desse modo, muitos retirantes erguiam seus casebres nas proximidades da praia. [...] Em 1932, os grupos dominantes direcionaram o “embelezamento” da cidade, conservando um certo distanciamento do mar (RIOS, 2014, pp. 29-31).

Figura 2: Campo de concentração do Urubú Fortaleza -CE, 1932.



Fonte: Valdecy Alves, Arquivo Pessoal. (2024).

Nos anos que se seguiram a linha férrea em Fortaleza serviu para movimentar o capitalismo na época e também para trazer consigo a miséria. Os retirantes foram se instalando em toda a extensão da linha férrea, originando uma das maiores favelas de Fortaleza: a favela do trilho que se segue de uma ponta a outra da cidade. (Rios, 2014, p.19).

Portanto, durante os anos seguintes foram surgindo vez mais territórios populares, consolidados e com um grande crescimento populacional. Rios (2014) descreve que os trens despejavam os flagelados na parte mais próxima do mar, de modo que, as favelas foram erguendo-se próximas a praia. Dessa forma, a presença dos pobres e da prostituição às margens da praia afastaram a valorização e a especulação imobiliária por um longo período.

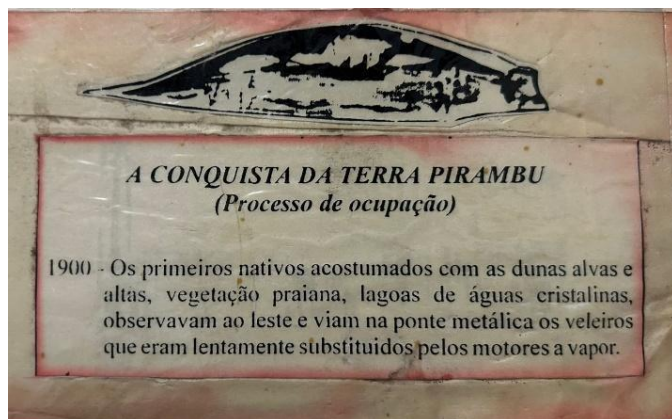
Essa dinâmica, gerou a criação de um dos maiores Campos de Concentração, que se tornou posteriormente a ocupação de maior extensão territorial e populacional, o Campo de Concentração do Urubu, dando origem ao Grande Pirambu como é conhecido atualmente.

DA SECA A FORMAÇÃO DA ZEIS PIRAMBU

Em meados dos anos 1932 muitos “flagelados” como eram chamados na época, eram instalados, estrategicamente, em locais afastados das áreas centrais, conforme referido anteriormente. O Campo de Concentração do Urubu instalado na orla oeste de Fortaleza, deu origem à comunidade do Pirambu, que foi instituída como a Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) na Lei nº 062 de 02 de fevereiro de 2009, no Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFor), sendo o Pirambu classificado como ZEIS 1, conforme a referida Lei.⁴ Esse território atualmente encontra-se consolidado, constituindo-se como a maior favela do Ceará em extensão e população.

Inicialmente, Costa (1995) relatou como a cidade era vista nesse período pelos cidadãos, identificando os seguintes fatos: a cidade era dividida em duas porções, as elites nas residências ao leste, assim como todos os equipamentos sociais e essenciais, como lojas, praças e áreas de lazer. Enquanto na parte oeste, via-se e representava-se o mau cheiro, as doenças e poluição. Esses fatos comentados por Costa (1995), são representativos para explicar como se dava a chegada dos migrantes (Figura 3) na ocupação das terras do Grande Pirambu.

Figura 3 e 4: Relatos de pesquisas documentadas pelo CPDOC-Pirambu no início do século XX.



Fonte: Centro Popular de Documentação e Comunicação do Pirambu-CPDOC (2024).

As pessoas chegavam ao território em condições precárias, começaram a surgir problemas como as doenças contagiosas, disseminadas por meio da grande concentração de pessoas nos

⁴ A área da poligonal da ZEIS é de 2.824.381,78 m², e está inserida em três bairros da cidade de Fortaleza, tais como: Barra do Ceará, Cristo Redentor e Pirambu. Fonte: Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR)

campos e pela falta de serviços básicos essenciais para a saúde, moradia e bem-estar. Um dos acontecimentos foi o isolamento dos doentes de varíola, retratado na (Figura 4) no Morro do Moinho⁵, onde Rodolfo Teófilo fazia vacinação e tratamento.

No trecho a seguir percebe-se como os retirantes eram vistos pelo Governo e pela sociedade:

O Governo considera o Ceará em estado de calamidade pública [...] os flagelados serão localizados nas praias de Pirambu. O delegado Franklin Monteiro Gondim, que se tem revelado de uma dedicação digna de louvores para com os retirantes, ao lado do diretor de obras públicas tomou várias providências de sorte para apressar a construção de barracões para flagelados naquelas praias. (Jornal O Povo, 1932 apud CAVALCANTE, 2000).

Imagens e documentos disponibilizados pelo Centro Popular de Documentação e Comunicação do Pirambu (CPDOC) exemplificam como os migrantes eram vistos, e em como as políticas governamentais a partir dos anos seguintes, precisamente nos anos seguintes a seca de 1932 quando as construções neste local começaram a se consolidar. Começaram a pensar em soluções para “salvar” o Pirambu (Figura 5). Com planos de urbanização e políticas com práticas excludentes que continuaram a limitar o direito da população pobre de escolher onde morar.

Figura 5: Manchete do Jornal Gazeta de notícias de plano de recuperação do Pirambu, 1960.

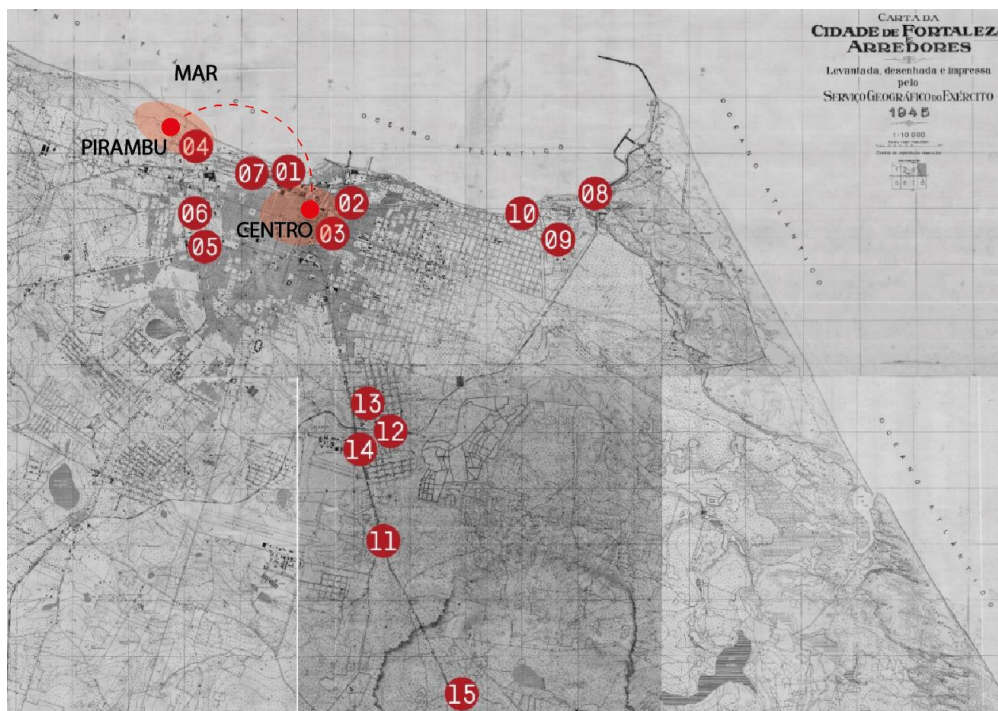


Fonte: CPDOC (2024).

O crescimento da cidade passou por transformações, sendo criado um polo industrial ao longo da ferrovia da Avenida Francisco Sá, no Bairro Jacarecanga, onde prosperavam as fábricas Barreira (1992) apud Coelho (2014). Esse polo contava com a proximidade da moradia dos trabalhadores, o que era conveniente para os proprietários das fábricas. Além destes fatos, a localização do Pirambu contava com certa proximidade do Centro de Fortaleza e do Mar (Figura 6), o que favoreceu a atividade da pesca, bastante praticada na área e que perdura até os dias atuais, dando origem ao nome “Pirambu” que é o nome de um peixe.

⁵ Morro do Moinho: Local onde atualmente se encontra o Instituto Médico Legal, Fortaleza-CE.

Figura 6: Cartografia de Fortaleza em 1945. Em destaque, alguns dos bairros e territórios populares mencionados neste tópico: Arraial Moura Brasil (n. 01), Outeiro da Prainha (n. 02), Outeiro do Colégio (n. 03), Pirambu (n. 04), Cercado do Zé Padre (n. 05), Morro do Ouro (n. 06), Morro do Moinho (n. 07), Mucuripe (n. 08), Varjota (n. 09), Meireles (n. 10), Papoquinho (n. 11), Lagamar (n. 12), São João do Tauape (n. 13), Alto da Balança (n. 14) e Cajazeiras (n. 15).

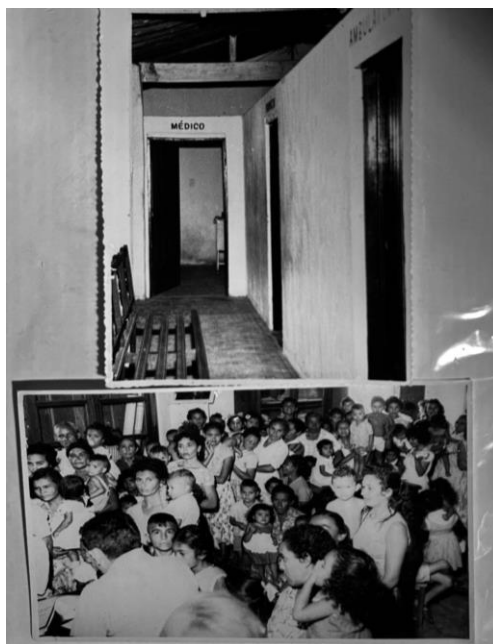


Fonte: Serviço Geográfico do Exército (1945) apud Almeida (2023). Adaptada pelas autoras.

De acordo com os documentos disponibilizados pelo CPDOC, é imprescindível destacar que os grupos de movimentos sociais de assistência começaram a surgir nas décadas de 1950 e 1960 para fortalecer a luta dos moradores por melhores condições de vida na região, como as ações desenvolvidas pelo Padre Hélio Campos, no contexto de uma presença marcante da Igreja Católica.

Segundo Costa (1995), o Padre Hélio Campos, com o auxílio das agentes sociais, realizou um trabalho de teor social e comunitário, por meio da propagação do amor e da irmandade. Todos esses agentes passaram a ver o Grande Pirambu com mais cuidado, contribuindo para o crescimento da luta comunitária por melhores condições de vida e para o surgimento também de lideranças comunitárias, que junto com os moradores, gestaram a luta pela conquista de direitos básicos (Figura 7).

Figura 7: Assistências médicas e sociais aos moradores.



Fonte: CPDOC (2024).

Após os anos de 1960, a Igreja juntamente com o Partido Comunista intensificou as lutas pelo Direito à Moradia. Em 1962, no dia 1º de janeiro, o Padre Hélio liderou uma multidão que saiu às ruas com cartazes e gritando palavras de ordem, reivindicando reformas sociais. (Silva, 2006, p.101). O resultado veio no decreto da lei 1058 de 25 de maio de 1962 que declarou “utilidade pública” a desapropriação de duas áreas de terra situadas no bairro Pirambu. Desde então, a Marcha do Pirambu na qual os moradores cantavam “Vem ver, ó Fortaleza, o Pirambu passar! Somos pessoas humanas, temos direitos que ninguém pode tirar”.⁶ é vista como um marco na história do Pirambu, a data do decreto que é celebrada todos os anos pelos moradores.

Outro marco nas conquistas desse território, foram as obras do Projeto Vila do Mar que segundo Brasil (2015) aconteceu por meio do reconhecimento da população como ZEIS do tipo 1 na aprovação de revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 1992, confirmado no PDPFor (2009). Antes desse projeto, o território foi ocupado e consolidado pelos migrantes, construindo suas casas com a parte frontal voltada para o interior, de costas para o mar (Figura 8). A situação seguia com muitas moradias em áreas de risco, sem saneamento básico e com o acúmulo de lixo na faixa de areia que posteriormente daria origem ao projeto Vila do Mar.

⁶ O verso é do hino do Pirambu

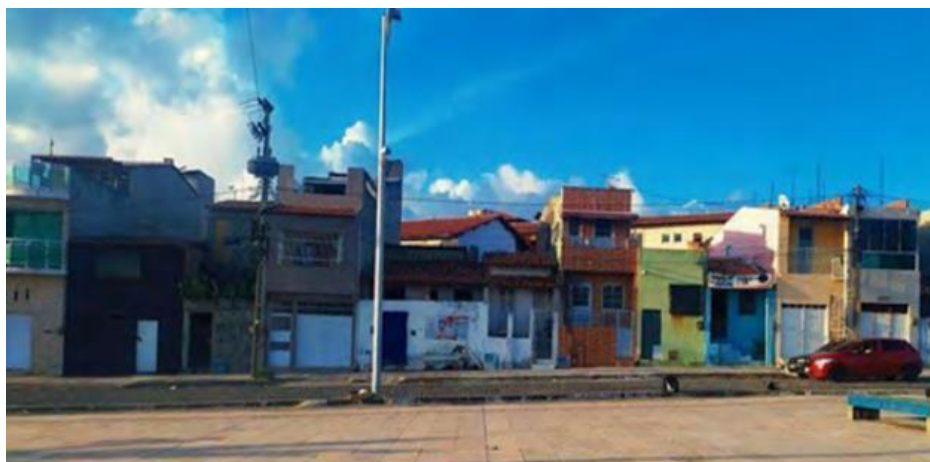
Figura 8: Vista das casas na Rua Santa Elisa, em 1962.



Fonte: CPDOC (2024).

As propostas do projeto foram destacadas por Brasil (2015): a requalificação dos Bairros que fazem parte do Grande Pirambu, por meio da urbanização da faixa de orla e o reordenamento da área que teria como foco a realocação de famílias situadas em áreas de risco ou com moradias consideradas muito precárias. Ainda a construção da via paisagística (Figura 9) com o calçamento, reordenamento das barracas de praia, áreas de lazer e o melhoramento das casas que estavam de frente para a nova via. Essas intervenções urbanísticas geraram, em algum nível, mais movimento para a região, assim como, o incremento do comércio local, das atividades esportivas e marítimas de lazer.

Figura 9: Casas na Vila do Mar.



Fonte: RIBEIRO, David. (2019, on-line).

A ZEIS Pirambu, originada a partir dos migrantes fugindo da seca no interior do Estado, principalmente nas secas de 1915 e 1932, citadas neste artigo, teve seu processo de formação, assim como em muitos territórios populares em Fortaleza, associado à grande desigualdade socioespacial e à situação de fragilidade ambiental. Na atualidade, com os avanços e conquistas, desde a sua ocupação, conforme mencionado anteriormente, o local se consolidou, tornando-se apesar do estigma da violência, um local de potencialidades, de apropriação, de protagonismo, e de identidade pelos moradores, que seguem com suas lutas por igualdade e melhores condições de vida no presente e para as gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, buscou-se observar evidências dos movimentos da seca e dos chamados Campos de Concentração, visando compreender suas relações com os territórios populares e a cidade de Fortaleza, e mais precisamente com a ZEIS Pirambu, desde o final do século XIX até os dias atuais. O percurso aqui traçado evidenciou inquietações e reflexões sobre o processo de segregação gerados nos movimentos migratórios, no período em estudo. Identificou-se que as formas de isolamento das populações que chegaram a Fortaleza, em um contexto de extrema pobreza, revelam elementos da segregação urbana desses territórios e que foram se consolidando no tempo.

A ausência de um planejamento que reconhecesse esses territórios e a maneira como os migrantes foram vistos pela sociedade durante os anos de seca, influenciaram sobremaneira a configuração atual da cidade e a inserção urbana da referida ZEIS. O reconhecimento dos bairros que hoje formam a ZEIS Pirambu resultou de muita luta e ação dos movimentos sociais pelo Direito à Cidade e pelo cumprimento da função social da propriedade. As conquistas vistas atualmente, embora sejam significativas, revelam processos de exclusão e que ainda há um longo caminho para que a cidade se constitua de forma mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O engenho anti moderno: a invenção do Nordeste e outras artes. 1994.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

ALMEIDA, Isabelle de Lima. **Morar nas areias, morar na cidade: o lugar da habitação no processo de urbanização de Fortaleza (1850-1945).** Dissertação. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2023.

BRASIL, A. B; CAVALCANTI, E. R. **ST 7 DAQUI NÃO SAIO, DAQUI NINGUÉM ME TIRA: TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIAS DO GRANDE PIRAMBU, FORTALEZA (CE).** Anais ENANPUR, v. 16, n. 1, 2015.

CAVALCANTE, L. E. **Para onde sopram os ventos – Pirambu: memória e identidade social.** Dissertação (Mestrado Interinstitucional em História Social) - Programa de Mestrado Interinstitucional em História Social da UFRJ/UFC, Rio de Janeiro, 2000.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço).** 10a Ed. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

COELHO, S. D. **INCIDÊNCIAS TURÍSTICAS E SOCIOESPACIAIS DO 'PROJETO VILA DO MAR' NA REGIÃO DO GRANDE PIRAMBU, FORTALEZA (CE).** In: ANPTUR 2014, 2014, Fortaleza. Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. São Paulo: Aleph, 2014.

COSTA, M. G. et al. **Historiando o Pirambu.** Fortaleza: CPDOC/Seriartes Edições, 1995.

CURRAIS. Direção: Sabina Colares e David Aguiar. Produção: Além Mar Filmes. Ceará: O2 Play, 2019.

MAIA, J. C. (2021). **EXILADOS DO SERTÃO: migração cearense na seca de 1877. Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História, 18(31), 233–248.** <https://doi.org/10.18817/ot.v18i31.830>.

NEVES, Frederico de Castro. **Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932).** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

NEVES, Frederico de Castro. **Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915).** Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, n° 6, pp. 113-138, 2005.

SOUZA, José W.F. **Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932).** Projeto História, v.52, 2015.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932.** Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará /UFC, 2014.

SECRETO, María Verónica. **A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 33-51, jan./mar. 2020.

SILVA, D. M. **Pirambu e suas geografias: um olhar sobre o jornal O POVO (1990-2005).** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Seca de 1915.** Fortaleza: Edições UFC, 1980.